



VERMELHO

Alberto está sentado numa cadeira junto a uma secretária. Veste de negro e tem á sua frente uma folha de papel em branco e um cálice contendo vinho tinto. Pousa o queixo sobre uma das mãos, numa atitude pensativa.

Alberto - Um dia... Um dia Para criar... Uma obra-prima, pediu ele... “Faz dele a melhor coisa que já alguma vez escreveste. “Pois é... Mas ele não sabe nada... Se eu lhe dissesse. Se eu lhe falasse sobre a minha verdade... Se eu lhe contasse as noites em que acordo, falando, gritando, suplicando por clemência... Nem eu sei bem de quem... Se ele soubesse quantas e quantas vezes o sol me foge a cada manhã... Se ele soubesse como o novo dia me atormenta... (levanta-se e gesticula enquanto fala, satirizando uma ordem austera) “ Mas não faças poemas d amor! Não me venhas cá com essas coisas do costume que depois só tu é que percebes e é uma desgraça.” (sorri, enquanto se senta novamente) Pobre carlos... Se ele soubesse.... Se ele soubesse que cada poema de amor que faço é apenas enaltecer o que de mais puro ele tem... Se ele soubesse como eu desprezo a sua existência, a sua autoridade falsa e forçada pelo poder do dinheiro e do vício... Mas amo-o... Amo-o com uma ternura pura e grata por ser por ser amado pela criatura mais imaculada que o meu ser já viu. (deita a cabeça sobre a secretária) Se tu soubesses, Carlos... Se tu soubesses como te invejo... Tens e terás a teu lado, até ao fim da tua miserável vida, um anjo puro e doce... Quando adoeceres, ela tratará de ti... Quando, nas tuas podres horas de felicidade, rejubilares, ela fará do teu sorriso um pretexto para sorrir também... Quando definhares, quando ficares seco e estéril e perderes a pouca essência de espírito que te resta, tê-la-ás a teu lado e a última coisa levarás contigo, é a visão do seu rosto perfeito e o toque da sua mão... (levanta a cabeça e olha para o vazio) Mas a inveja que sinto por ti não é serena, pacífica, como a que sentimos pelo nosso amigo que vai ser pai ou desejamos a liberdade de uma gaivota que voa, sem rumo, sem pressa, sem dor... Não... O que sinto por ti mata-me ainda mais do e que não a ter aqui, a meu lado... O que sinto por ti é a revolta, a inveja fervente e violenta, a vontade de inundar as tuas vísceras com o sangue da minha paixão... O que sinto é o fogo que arde em mim e no meu mundo e que vai queimando aos poucos o que



tenho... Ou o que pensava que tinha... E tu... Carlos... O nome da miséria e da desgraça que enche os meus dias de um vazio implacável e indestrutível ... Para ti, tudo se resume apenas a uma coisa... Banalidade inventada por ti e postulada pela tua existência medíocre e mortal... “Não faças poemas de amor...” Poemas de amor... Tu não sabes o que é o amor... Nunca soubeste. Para ti, a conquista é o caminho; a aventura e a busca de mais um troféu... Sempre mais um troféu... (*torna-se agitado e enraivecido*) E como te atreveste a julgá-la um simples troféu) Como te atreveste a pensar que ela seria igual às outras? (*faz uma pausa*) E depois conquistaste-a. Exerceste o teu poder oculto e sombrio e inventaste mil maneiras de ser, de pensar, de agir... E conseguiste. (*faz uma pausa e tenta conter as lágrimas que surgem*) O que tu não sabes, meu Carlos, é que não a possuis. Tens apenas o lado mortal dela, o lado efémero. O outro lado, que é denso, etéreo, selvagem e indomável como as ondas de um mar de tempestade, mas ao mesmo tempo meigo, doce, meigo e belo, como uma deusa plena de amor celestial; esse lado estará sempre inacessível à tua soberba e ao teu egoísmo, não de amor, mas de posse. Mas tu sabes isso... E eu... Por mais que deixe a revolta tomar conta de mim, não me posso render ao fracasso... E tenho ainda de criar... Criar... Uma obra prima... Porquê agora? Porquê hoje? O que há hoje de tão especial para querer um poema? Eu sei... Foi ela que lhe pediu... Em suspiros de amor suplico-lhe pelo sentimento tornado material... E ele, frio, calculista, dono de uma vontade de humilhação decisiva e terminal, encarregou-me de o fazer... Eu... Que já não consigo criar... Que me deixei absorver pelo desejo mórbido da noite eterna, onde a lua é cinzenta e as estrelas não brilham... E hoje, longe da noite, longe do fim da dor, tenho de decidir... Ser fiel à minha essência? Ou trair o que sinto para consumir a minha revolta de vingança? Ainda que persistisse alguma sombra de dúvida, a minha mão não tomaria parte nesse plano diabólico... E até mesmo as letras se desvaneceriam, não sendo capazes de enunciar outra coisa qualquer que não fosse a paixão... Criar... Há muito, muito tempo, criei pela primeira vez... E, pensava eu, criava para ter o que não tenho; o que nunca tive... Mas o tempo, justiceiro implacável e incontornável, mostrou-me as ilusões do meu mundo... E sei hoje, com o peso tumular do meu futuro sombrio, que foi essa a minha grande ilusão... Criar para poder tê-la... Sonhar com ela apenas, o que me resta... Passar os dias e esperar pela noite; soluçar pelos momentos que passo com ela, quando ela olha para mim e me devora; quando aqueles olhos me trespassam como uma tatuagem mortal mas inevitável... E quando a noite finalmente vem, delírio em doces ondas de esquizofrenia. E já não consigo criar... As ideias fogem-me como tudo o resto... Sento-me e no meu pensamento surgem as sombras daquilo que não tenho... A própria



criação perde o seu propósito... E então nasce uma não-criação, uma abnegação da essência de tudo o que o que amo e venero. E avanço. Rumo a outro lado. Ao meu outro lado. Mas sei sempre que não vou chegar a parte nenhuma dentro de mim... E desisto... Estou de novo de volta à minha desolação... à minha limitação carnal que me oprime e destrói a cada hora de sofrimento... Criar... Por ela, tudo. Esticar os horizontes e voar através do tempo, ir para além da concepção da imaginação dos homens... para quê? Tudo isso para quê? Bastar-me-ia um momento apenas para que visse no seu olhar a chama que me devora. Um momento apenas em que os sorrisos não fossem mais que protocolos de etiqueta e boa educação. Um momento em que o toque da sua pele enchesse os meus poros da sua essência... Nas noites em que a solidão se reveste de luzes brilhantes e trovões festivos, tu virias até mim e deslizarias com a tua imanência através do espaço e eu saberia que eras tu... Mas sempre mais uma vez o teu olhar que me banaliza e me remete à condição ínfima e ténue. Criar... A sombra do Carlos... A tua luz... E eu... Como num eclipse, todo eu desapareço à tua passagem... À tua voz... Aqui...Ali... O teu sorriso... Quente como o sol... E quando ris, toda tu és brilho resplandecente. Fazer-te sorrir... Por isso tenho de criar... Por isso tenho de me render à minha condição e fazer das minhas palavras um hino final à tua existência... Não as lerás como minhas, mas eu estarei feliz com o teu sorriso. E não será a obra prima... Essa está guardada para mim. Porque qualquer palavra escrita por ti perde valor quando lida; de que serve um raio de sol numa travessia de um deserto? (*pega no cálice e bebe pequenos goles de vinho*) Não me posso demorar muito, agora. Tenho de ser preciso nas palavras, na respiração... Tenho de apelar à serenidade que ainda resta em mim... Sim, vou levar-te à minha glória final... E vais ficar a saber o que não te contei ainda... vais saber como te vejo, como te sei... Vais ficar a saber de onde vinha a alegria de ver, a tristeza do adeus... Hoje, aqui, do meu espaço real que me limita e impele a desistir, vais ficar a saber como empalideceu e se confirmou com a sua finitude. Nas palavras que te envio, as que lerás sobre outro nome qualquer, vai a essência de um sentimento mais forte do que a banalidade do amor. A cada letra, a cada ponto, vais sentir o que sempre te desejei contar; nunca tive coragem de o fazer, eu sei... Mas foi apenas por temer a tua mudança, a tua raiva... Sempre estiveste aqui; sempre te tive... Mas nunca como desejaria... (*pega novamente no cálice e bebe*) Criar... Sim, vou criar para ti. Hoje... Fazer deste dia um estandarte ao teu corpo e um manifesto ao meu sentimento... E de hoje em diante, nada mais será igual... (*abre a gaveta da secretária e retira uma caneta*) Espero que mereça um sorriso; um sorriso apenas, nada mais... (*escreve na folha de papel pausadamente; levanta-se e lê em voz alta*)



Venho de longe; livre e leve como o vento.

Amo a vida e a morte; a luz e solidão.

Na dor de ser um anjo, trago cinzas no pensamento;

Imolei a essência; entreguei-me ao desespero;

A chuva e a terra, a luz quente, um abraço e fiz-me paixão.

(com um sorriso no rosto, coloca a folha em cima da secretária) Apenas um sorriso teu, é o que peço... Nada me faria mais feliz de que um sorriso...E aí tu saberias porque razão eu criava para ti... Saberias porque razão demorava o meu olhar em ti... Saberias... (subitamente começa a contorcer-se, envolto em dores e convulsões; tem ainda tempo, por entre os gemidos abafados, de soltar um ligeiro vislumbre à folha de papel com o poema e, com um sorriso, cai morto no chão).

Cai o pano.